

Faz um ano, o «Avante!» anunciou a realização do

2.º Congresso legal

do Partido. O caminho enfiado traçado para defesa da Unidade, para defesa do Povo e da Pátria, para o combate ao fascismo, tem sido seguido pelo Partido.

O Partido não afrouxará a luta até ao aniquilamento do fascismo salazarista e instauração da Democracia em Portugal.



ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

Novo formato

A partir deste número o «Avante!» passa a ter novo formato e novo conteúdo. Agora apresenta artigos que nunca viu e ser queridos por razões de interesse para todos os leitores do formato anterior. Por estas últimas razões, não se publicou a 2.ª Quinzena de Julho do nosso jornal.

A ECONOMIA PORTUGUESA

À BEIRA DA BANCAROTA

ESTÃO-SE VERIFICANDO AS PREVISÕES DO PARTIDO COMUNISTA sobre as consequências desastrosas da política salazarista (de defesa dos monopólios e de interesses estrangeiros). A demagogia não consegue mais esconder a situação catastrófica da economia portuguesa.

A POLÍTICA RUINOUSA DE SALAZAR

O governo falou em «política de baixas», importou gêneros de primeira necessidade em quantidade com os produtos nacionais, anunciou baixas de preços de artigos que tinham já baixado realmente (batata, milho, fava), fez subir outros (bacalhão, óleo, azeite) acima dos preços em venda livre e procurou fazer passar por um Deus o incompetente e mentiroso ministro da Economia.

O governo não permitiu os aumentos de salários, manda prender e deportar os trabalhadores que os reclamam, afirmando que o aumento real dos salários se dá pela «baixa» dos preços.

O governo descureou e desinteressou-se da colocação dos produtos nacionais no estrangeiro,

ro, aumentou as importações massivas de gêneros de produção nacional e de artigos de luxo, afirmando que o aumento das importações e a diminuição das exportações, o desequilíbrio desfavorável da balança económica, era o caminho para a solução dos problemas económicos e da inflação.

O governo protegeu os grandes lucros e a formação de grandes monopólios, com o pretexto de que a prosperidade dos grandes capitalistas é condição indispensável da prosperidade da economia nacional.

O governo intensificou e protegeu a infiltração de capitais estrangeiros em Portugal e nas colónias, afirmando que eles viriam animar a economia nacional.

À BEIRA DA BANCAROTA

Quais os resultados desta política? Resolve ela os problemas nacionais? Não. Longe de os resolver, ela conduz o país a uma situação insustentável.

Longe de se estimular a produção nacional (cujo aumento é condição indispensável do progresso e

bem-estar) reduz-se toda a actividade económica. A crise e a ruína tombar sobre Portugal.

Na indústria, começou o encerramento de fábricas. Só na Marinha Grande, o encerramento de 2 fábricas atirou para a rua 1.500 operários. Não contente com a crise que atinge a indústria, o governo, que protege e protege os especuladores e permitiu que o dono da Fábrica da Arrentela fosse 25 vezes processado sem castigo correspondente, encerra agora essa fábrica, com manifesto prejuízo da produção nacional. Por outro lado, muitas fábricas estão reduzindo os dias de laboração e fazendo despedimentos em massa! Na Fábrica Textil da Avenida (Porto), os operários passaram a 5 dias, depois de terem lutado contra os 3 dias que lhes queriam impor. Nas fábricas de chapéus de S. João da Madeira e nos armazéns de vinhos (Guia e Porto) estão a 3 dias. Em todas as fábricas de vidros da Marinha Grande, na Fábrica Textil de Bomar, na Fábrica da Amélia e noutras, estão a 5 dias. Os despedimentos sucedem-se na Fábrica da Fervença (Alcochete), na Fábrica Textil Coat & Clark (Porto).

Agosto de 41 - Agosto de 47

Em Agosto de 1941, o «Avante!» reapareceu depois de mais de 3 anos de silêncio. A reaparição do «Avante!» tornou-se então possível, porque o Partido (segundo precisas indicações do seu Secretário Geral Bento Gonçalves, assassinado em 1942 no Tarrafal) varreu implacavelmente das suas fileiras provocadores, sabotadores e comodistas que havia anos se haviam aninhado em cargos de direcção e entrou seriamente no caminho da organização, do trabalho de massas, da defesa da repressão fascista.

6 anos de publicação

A publicação legal do «Avante!» durante 6 anos, resistindo aos furiosos ataques do governo fascista foi possível porque o P. se consolidou e engrandeceu, porque os militantes simpáticos e as massas acanharam e ajudaram o seu jornal, porque os quadros do Partido são homens de uma longa tempera, forjados na luta diária em defesa dos interesses do Povo e da Pátria.

6 anos passaram sobre a Reorganização, ao mesmo tempo que vemos o caminho andado pelo nosso grande Partido e pelo seu jornal, interessa também ver o caminho andado por aqueles que, enquanto no Partido, foram uns sabotadores e comodistas, que em 1940-41 tanto se opuseram à Reorganização e que, depois, não se cansaram de caluniar o Partido, (que é feito desses escorraçados? Podemos encontrá-los: a José de Sousa, Grilo, Vasco de Carvalho, Aristó Mesquita, Casado Gonçalves, etc., agindo sob a protecção da PIDE e ligados a agentes do imperialismo estrangeiro, na formação de um «Partido Socialista Legal», onde infelizmente se encontram alguns antifascistas honra-

dos e illudidos, que outra coisa não é senão a opposição inofensiva que o governo de Salazar se esforça por criar, como passo para a divisão dos democratas e aniquilamento violento de toda a opposição. Hoje, como há 6 anos, há que continuar a dar

combate aos derrotistas e divisionistas, agentes do fascismo no campo antifascista.

Enquanto tais elementos continuam com a protecção salazarista, a sua actividade contra o Partido Comunista, contra a Unidade antifascista, contra as classes trabalhadoras, — o P. Comunista tem pago o seu progresso e o empurramento do seu dever com rudes sacrifícios, com as vidas heróicas de Alfredo Diniz, Viçega, Marquês, P. Soares e outros mártires, com prisões e deportações de militantes, com próprios serviços técnicos do Partido foram atingidos, sofrendo a prisão da valente impressora do «Avante!», a camarada Maria Machado. O caminho do Partido é o da abnegação, da luta infatigável contra o fascismo.

O «Avante!» entra no 7.º ano de publicação regular. O dia virá em que o povo português, pela sua luta, conquistando as liberdades democráticas, criará condições para que o «Avante!» e toda a imprensa antifascista se possam publicar legalmente. Até lá, o «Avante!» apoiado na força crescente do Partido Comunista Português e escudado nos sacrifícios dos comunistas portugueses e no apoio das massas, continuará cumprindo o seu dever ao serviço do Povo e da Pátria, ao serviço da Unidade de todos os portugueses honrados na luta por um Portugal democrático, próspero e independente.

Salvemos Chico Miguel!

HERÓI DO NOSSO POVO

CAMINHANDO na defesa dos interesses do povo, na denúncia de novos crimes fascistas, o «Avante!» torna conhecidos alguns dados biográficos da vida de Francisco Miguel, abnegado lutador antifascista.

Filho de camponeses alentejanos, operário sapateiro, Francisco Miguel começa a luta no sindicato da sua classe de cujos interesses se torna denodado defensor.

No Partido Comunista entra passado algum tempo da Reorganização de 29. Membro do Comité Regional de Lisboa do Partido foi preso em 38. Durante esta prisão sofreu longos meses de incomunicabilidade e foi barbaramente espancado e torturado pela polícia por se negar a fazer quaisquer declarações contra o Partido e contra qualquer democrata.

Em fins de 1938, fuge do Forte de Caixas, onde estava preso, voltando a ocupar de novo um lugar na luta antifascista, fazendo então parte do Secretariado do Partido, participa no combate aos provocadores, vaeilantes e traidores, pertencentes à Direcção do Partido. Preso em Dezembro de 39, volta a ser submetido a apertados interrogatórios e espancamentos recusando-se a fazer declarações. Foi então deportado para o Tarrafal onde permaneceu fiel ao Partido e ao Povo, lutando contra os divisionistas e os provocadores, contra todos os inimigos do Partido e da causa democrática ao lado de Bento Gonçalves e de todos os verdadeiros comunistas ali reunidos. Depois da sua libertação, em fins de 45, Francisco Miguel volta de novo à luta contra o fascismo, até que em Junho do corrente ano, 6 de novo preso, no 2.º Congresso Legal do Partido foi eleito membro do Comité Central.

Francisco Miguel foi sempre grande amigo

e defensor dos operários, dos camponeses de todos que trabalhar e são úteis ao Povo. Francisco Miguel, foi sempre grande amigo dos camponeses do Alentejo a quem estava a prestar grande auxílio a data desta prisão.

Francisco Miguel, é um grande amigo e defensor da Unidade Nacional, da Liberdade, do Progresso e da Independência do nosso País.

Neste momento, Francisco Miguel está suportando a acção criminosa da polícia fascista, mas portando-se como um verdadeiro comunista, como verdadeiro patriota, recusando prestar declarações, recusando trair o seu Partido, a classe e o povo a que pertence. A vida de Francisco Miguel corre perigo!

Preso também em Junho deste ano e cumprindo com os seus deveres de comunista, está Agostinho Saboga, funcionário do Partido, filho da classe operária da Marinha Grande, suportando também heróicamente torturas infligidas pela polícia. Neste mesmo mês foi igualmente preso João Velga, funcionário do Partido, que se esforça a organizar a luta do Partido. A polícia, o governo fascista português, com outros prisioneiros de democratas, com a demissão dos professores e com as ameaças de deportações e novas fixações de residência ao abrigo da nova Reforma do Código Penal, desencadeia uma nova onda de repressão.

Lutemos pela salvação de FRANCISCO MIGUEL! Lutemos pela vida, saúde e liberdade de AGOSTINHO SABOGA, JOÃO VELGA e suas companheiras, bem como pelos restantes democratas. Intensifiquemos o combate ao terror policial!

Veze sem conto, o «Avante!» tem pôsto a nu os roubos praticados nos cofres dos Sindicatos Nacionais, Caixas de Abono de Família, Caixas de Previdência, etc.. Veze sem conto, os nomes dos ladrões dos dinheiros dos trabalhadores têm sido apresentados ao povo. O governo respondeu a isto com um «Inquérito rigoroso à Organização Corporativa», ardeando aos quatro ventos que os culpados, se os houvesse, seriam punidos exemplarmente.

Mas que vimos nós? Ao contrário da punição exemplar assistimos à multiplicação dos desfalques nos Sindicatos e nas Caixas. E não só não vimos os ladrões castigados como, pelo contrário, vemos o fascismo protegê-los e mantê-los contra a vontade expressa das massas.

Os dirigentes do corporativismo fascista vão mesmo à ameaça policial contra todos aqueles que põem a descoberto os roubalheiras.

Assim temos hoje a assinalar: Roubo no Sindicato dos Operários dos Tabacos, no Porto, praticado pelo residente da direcção. Roubo no Sindicato dos Barqueiros do Rio Douro, as Caixas de Abono e Previdência, praticado por um tal Brandão e Alberto Claro Chaves, Aiyaro da Silva, Emílio Alves Maia e João Gomes Leite.

Foram estes homens coridos das direcções destes organismos e entregues à justiça? Não. Ao contrário, OS DOIS DIRIGENTES SINDICAIS QUE PUSERAM A NU OS ROUBOS E QUE FORAM EXPULSOS DOS CARGOS QUE OCUPAVAM E AMEAÇADOS POLICIALMENTE SE NÃO SE CALASSEM.

Há meses, na Secção Sindical da Construção Civil de Fafe foi denunciada pelos operários uma série de roubalheiras que foram confirmadas, para o Delegado I. N. T. em Braga, pela direcção da Secção.

Foi expulso e entregue à justiça o amanuense criminoso? Nada disso. Pelo contrário, o Delegado opôs-se à vontade da direcção e dos operários. Só assim se compreende porque os operários da

PARA AS PRÓXIMAS ELEIÇÕES NOS SINDICATOS

Fábrica de Bicycletas do Porto não recebem abono de família há 7 meses; há 5 meses, os estivadores e barqueiros do Rio Douro; há 2 meses, os operários da Sociedade Textil da Lameira (Porto).

Só assim se compreende também que os inquiridões

— DEFENDAMOS — a vida dos trabalhadores

PREOCUPADAS apenas com os lucros fabulosos, as grandes empresas do nosso país desprezam por completo a vida dos seus operários. Com frequência há desastres, nos quais os trabalhadores perdem a vida só porque as empresas não tomam medidas de segurança.

Nas Minas de S. Domingos, os mineiros trabalham sob o eminente risco de perder a vida devido às más condições em que se encontram os poços. Várias vezes os mineiros têm reclamado medidas de segurança, mas a empresa não faz caso. A continuar o desleixo e a incuria criminosas, não tardará muito que a morte e o luto entrem pelas casas dos mineiros.

Há tempos, em Aljustrel, pelo desleixo e desprezo dos patrões pela vida dos operários, um mineiro, Julião Vieira Barradas foi atingido por pedras que se deslocaram e lá foi para o hospital com o crânio fracturado.

Mineiros de S. Domingos e Aljustrel!

Exigi das empresas e das autoridades, condições de segurança das vossas vidas. Exigi que o Sindicato obrigue as empresas a tomar medidas. Nomeia uma Comissão de Unidade que, apoiada por todos os mineiros, exija, junto dos patrões, condições de segurança das vossas vidas. Acusai as autoridades fascistas da incuria criminosas e anti-patritóica de que sois vítimas. Protestai antes que seja tarde!

massas, é-lhes retirada a sanção e nomeadas Comissões Administrativas da confiança do fascismo e do patronato reaccionário.

Por isso, as roubalheiras continuam porque à frente dos Sindicatos e Caixas estão homens desclassificados, da confiança do fascismo e do patronato reaccionário, traidores à sua classe. Esta situação impõe como tarefa imediata de todos os trabalhadores, DESINVOLVER UMA FORTE ACCÃO NO SENTIDO DE QUE AS ELEIÇÕES SINDICAIS DE 1947-48 REPRESENTEM UMA VITÓRIA DOS TRABALHADORES. Para isso, é necessário que imediatamente se elaborem LISTAS DE UNIDADE compostas de homens e mulheres honestos e dedicados, que se tomem medidas contra a possível antecipação das eleições em vários sindicatos com o objectivo de não apanharem desprezados os trabalhadores, contra a possível publicação de um novo decreto que como o de 28 de Dezembro de 1945 adiu as eleições por 2 anos.

Só com homens e mulheres honestos, incapazes de trair a sua classe, à frente dos sindicatos, se criarão condições para salvaguardar os interesses dos trabalhadores. Não basta, entretanto, elegê-los. Uma vez estes homens e mulheres eleitos, há que apoiá-los, há que defendê-los contra as arremetidas do fascismo e do patronato reaccionário. É necessário que todos os sindicatos façam dos seus sindicatos o principal ponto de reunião, porque só assim, em contacto com a vida interna do sindicato, poderão exercer uma apertada vigilância e controle junto dos homens da confiança do fascismo e do patronato e defenderem apertadamente massivamente as direcções que venham a eleger.



FRACASSO DA REACÇÃO INTERNACIONAL

O Plano Marshall e a Reconstrução da Europa

NOS últimos tempos, o acontecimento internacional dominante tem sido a discussão do chamado Plano Marshall, ou seja, da promessa feita ao discurso de Marshall de 5 de Junho, do auxílio norte-americano para a reconstrução da Europa.

Atualmente depois desse discurso, os governos ingles e franceses tiveram conversações acerca da oferta de Marshall e em 10 de Junho convidaram a URSS a participar nas conversações. Esse convite não foi recebido sinceramente. Os governos ingles e franceses tinham outros planos em relação ao auxílio americano à Europa, pensavam obter os países europeus a aceitar um programa económico favorável aos monopólios norte-americanos, e (tornando-se os intermediários da diplomacia de Moscovo) tinham o propósito de alcançar a aproximação da política económica e tirar benefícios em proveito próprio e em prejuízo da independência, do progresso e da independência dos países europeus.

Por isso, a aceitação do convite pela URSS, em 22 de Junho, surpreendeu e desagorou profundamente os reaccionários anglo-americanos. A URSS considerou uma preliminar dos países europeus, trabalhar para a reabilitação, o mais rápida possível e para o progresso das economias nacionais de sobrevivência pela guerra e substituiu as facilidades que a essa reabilitação daria um auxílio das economias potencialidades económicas dos EE.UU. Logo porém que a URSS aceitou a participar nas conversações com a França e Inglaterra, começaram as afirmações dos estadistas norte-americanos reduzindo a importância da oferta de Marshall. As justas palavras de Molotov em defesa da independência dos estados europeus não foram ouvidas. E ingleses e franceses convidaram para Paris a Conferência da Reconstrução Europeia, convidando todos os países europeus com excepção da URSS e da Espanha (que não quiseram convidar por medo à oposição da opinião pública mundial). Os convites foram feitos por Bihault, ainda a Conferência com Molotov não terminava.

Qual o propósito ao convocarem a Conferência de Paris? Os agentes anglo-franceses da diplomacia do dólar esperavam que as democracias do oriente da Europa, a braços com dificuldades, aceitassem o convite e assim isolaram a URSS. Tinham também em vista o combate do desejo (Bloco Ocidental) ou seja, um bloco de nações que se submissões economicamente aos monopólios anglo-americanos e que politicamente se tornassem instrumentos da política anti-soviética. Em tal propósito representa uma tentativa somente

comparável à acção que, em 1933, levou ao acordo de Munique que visava precipitar a guerra contra a URSS.

Os governos que mais rápida e ardentemente aceitaram o convite, foram os mais reaccionários da Europa: os governos de Salazar e de Irturo que, durante a guerra, auxiliaram Hitler e o governo de colaboracionistas da Grécia. A Noruega, Suécia, Holanda, Suíça e outros aceitaram com reservas. A Finlândia, Checo-eslováquia, Polónia, Hungria, Jugoslávia, Albânia, Bulgária e Romênia, rejeitaram o convite. Desta forma, na chamada Conferência Europeia não participou grande parte da Europa.

Que resultado da Conferência Europeia? Resultou que os monopólios anglo-franceses não conseguiram isolar a URSS, nem atrair a aceitação dum subjugação económica dos países da Europa oriental. Resultou também que não conseguiram formar o desejado "Bloco Ocidental" anti-soviético.

A Inglaterra e EE.UU. pretendem agora que a reconstrução da indústria da Alemanha — o intuito de ontem — seja a base da reconstrução da Europa. Porque? Porque os monopólios anglo-americanos estão investindo grandes capitais nas zonas ocidentais da Alemanha, com o objectivo de se apoderarem da industria alemã e fazerem da Alemanha ocidental uma colónia. Porque a Inglaterra pretende fazer com o convénio do Ruhr (que está na sua zona de ocupação) pressão política sobre os países da Europa ocidental e particularmente sobre a França. Porque os reaccionários anglo-americanos (contra o acordo em Potsdam) não desarmaram nem desmilitarizar a Alemanha com vistas a manterem uma Alemanha reaccionária que seja um instrumento das suas provocações anti-soviéticas. Mas a França sentiu demorada na própria carne a agressão alemã para que possa concordar em que se faça o restabelecimento da Alemanha agressora antes do restabelecimento da França, vítima da agressão. Isto mostra também que os próprios promotores da Conferência não conseguiram harmonizar os seus interesses e contradições.

A Conferência Europeia foi um rotundo fracasso da reacção internacional e, em primeiro lugar, dos monopólios norte-americanos e seus agentes anglo-franceses. Isto é tão claro que, ao passo que, antes da conferência, os estadistas anglo-franceses multiplicaram as ofensas à URSS e afirmavam que a reconstrução da Europa se faria sem ela, depois da conferência Ramadier tem dizer que a URSS "é europeia e a reconstrução da Europa necessita dela e Bevin fazia dos esforços da Inglaterra para

unir a URSS e os EE.UU. Não se pode entender por auxílio à Europa, querer submeter a economia europeia aos interesses dos monopólios norte-americanos, querer que a Europa se torne um semi-colónia, quer que, na base de empréstimos em dólares, os países europeus aceitem a ingerência dos EE.UU. e Inglaterra na sua política interna. Não é auxiliar a reconstrução da Europa, auxiliar os governos reaccionários da Grécia, de Portugal, da Turquia, a escravizar os seus povos, fazendo consumir os empréstimos em material de guerra e conspirações internacionais. Não é auxiliar a reconstrução da Europa, auxiliar as forças agressoras e causadoras da guerra e seus cúmplices — a Alemanha, na Itália, na Grécia, em Portugal — ao mesmo tempo que se nega auxílio aos países devastados pela guerra e que lutaram, de armas na mão, contra o agressor nazi, como a Jugoslávia, a Albânia, a Checoslováquia, a Polónia, etc..

A reconstrução da Europa tem de ser fundamentalmente obra do esforço de cada povo, sob base na sua independência económica e política. A reconstrução da Europa só se pode dar com a cooperação dos países europeus, sendo imprescindível, a URSS.

Exemplo do caminho justo da reconstrução nacional, é a gigantesca obra já realizada no país de socialismo, nas jovens democracias e na zona oriental da Alemanha, com base nas expropriações e nacionalizações, na reforma agrária, na abolição dos trusts.

Exemplos de cooperação e auxílio económico, com respeito pela independência, são os acordos comerciais firmados com a URSS e entre as jovens democracias europeias. Esse é o caminho que, pese aos monopólios anglo-americanos e aos reaccionários dentro de cada país, a Europa escolherá.

A diplomacia salazarista ao serviço do estrangeiro

COMO o Partido tem insistido, as esperanças do salazarismo para se manter no poder, são: o renascimento do fascismo no mundo e uma guerra anti-soviética. Estas esperanças comandam a sua política. Salazar diz claramente aceitar a hegemonia plebiscitada dos EE.UU. e, a título de concessões ruidosas ao imperialismo anglo-americano (em Portugal e nas Colónias), procura uma ajuda contra o povo português e para ser admitido na ONU.

O governo de Salazar, em vez de uma política de progresso, absorve os recursos da nação em armamentos e propaganda e torna os seus diplomatas agentes dos fomentadores de guerra e de conspirações internacionais.

Recentes nomeações põem a nu a acção da diplomacia salazarista. A nomeação de Teófilo Pereira (salazarista de confiança e agente do Vaticano e do fascismo internacional) para embaixador nos EE.UU., nas vésperas da Assembleia (que da ONU não se discute o pedido de admissão de Salazar, ainda que a sua entrada no Brasil deva ser considerada uma vitória das forças democráticas que o exigiam), indica que o governo pensa ligar-se mais estreitamente aos monopólios norte-americanos e aos reaccionários de guerra.

O ministro salazarista em Paris, Augusto de Castro, que envia informações registadas ao Patriarcado e, por intermédio deste, aos embaixadores dos EE.UU. e da Inglaterra em Portugal; e que tem por missão auxiliar ao movimento de De Gaulle, foi substituído, por nomeação do nazi Marcello Mattias, elemento estreitamente ligado a Gestapo portuguesa, a PIDE; em tempos, foi Secretário do Estado no Rio de Janeiro, onde praticou uma série de falcatruas.

Para o Brasil, foi nomeado conselheiro o fascista Ezra Bivar Brandeiro, elemento ligado à PIDE; foi 2.º Secretário da Legação em Roma onde presta grandes serviços aos fascistas de Mussolini, o mesmo fazendo quando esteve em Madrid. Para 1.º Secretário de Legação em Havana, Mário Duarte. Para 2.º Secretário de Legação em Paris, trabalhou em ligação com a Gestapo alemã contra os patriotas franceses. Para Pernambuco, foi o agente da Gestapo que estava em Havana, Mário Duarte. Para Maceió, foi como observador político o fascista da PIDE, Vasco Garin.

Estes agentes fascistas e da Gestapo salazarista, vão somar-se aqueles que exercem nos serviços diplomáticos, como por exemplo, o conselheiro em Génova, o nazi da PIDE António de Lemos, o conselheiro em Barcelona, o nazi da PIDE Eudécio Coutinho da Costa, cujas duas funções prestam também serviços à espionagem internacional e à PIDE. Constantemente matam agentes fascistas para o estrangeiro, como por exemplo, a carta para Maria Luísa Sereno para Espanha e o espionista nazi Joaquim Mattias Neto para o Brasil e Argentina.

A diplomacia salazarista, está ao serviço das conspirações do Vaticano, dos fomentadores de guerra norte-americanos, dos ingleses, dos negócios particulares de embaixadores e outros diplomatas, contra a democracia e a paz. É escabroso que, na Conferência de Telecomunicações (14 de Junho), o representante salazarista tenha sido (com o do presidente reaccionário da Argentina, Peron) o mais forte defensor da admissão da Espanha de Franco.

No interesse de Portugal, os representantes diplomáticos salazaristas, que conspiram contra a paz do mundo e a independência de Portugal, tem de ser substituídos. Portugal necessita do convívio internacional, política pacífica, relações de amizade com todos os países democráticos. Portugal necessita de uma ordem democrática, porque essa é a vontade do povo e a garantia para ser aceite no convívio das nações e na ONU.

COMO LAVRADOR ESTE SENHOR É UM DOS ABASTECEDORES DO MERCADO NEGRO. SEGUINDO OS EXEMPLOS DOS TRABALHADORES DE OBRAS REAIS, OS OPERÁRIOS DEVEM unir-se, NOMINAR UMA Comissão FORMADA PELOS MAIS CAPAZES, COM A QUAL TODOS ESTEJAM DE ACORDO, ELABORAR UMA TABELA COM OS AUMENTOS, E, TODOS JUNTOS, IREM FALAR COM O PATRÃO, EXIGINDO 8 horas de trabalho e aumento de salários. TODOS, unidos e firmes, SERÃO ATENDIDOS.

O QUE FAZ O PATRÃO FASCISTA E O QUE DEVEM FAZER OS OPERÁRIOS

JOÃO INACIO FREIXO, lavrador na Herdade de Ajuda e industrial dumja fábrica de cerâmica em Vendas Novas, é um FASCISTA e um REINADO EXPLOADOR. NA SUA FÁBRICA OS OPERÁRIOS SAO OBRIGADOS A TRABALHAR 10 HORAS, COM DESRESPEITO PELO HORARIO DE 8 HORAS RECONHECIDO POR LEI. ALÉM DISSO, DÁ-GA SALÁRIOS DE FOME E EXFRIO. VIOLENCIAS SOBRE O PESSOAL. ALGUNS JOVENS OPERÁRIOS ESTÃO DOBNTES — TUBERCULOSOS, SEGUINDO OS MÉDICOS — EM CONSEQUENCIA DAS PESSIMAS CONDIÇÕES DE TRABALHO E DA FALTA DE HIGIENE DEN-

TRÔ DA FÁBRICA. COMO LAVRADOR ESTE SENHOR É UM DOS ABASTECEDORES DO MERCADO NEGRO. SEGUINDO OS EXEMPLOS DOS TRABALHADORES DE OBRAS REAIS, OS OPERÁRIOS DEVEM unir-se, NOMINAR UMA Comissão FORMADA PELOS MAIS CAPAZES, COM A QUAL TODOS ESTEJAM DE ACORDO, ELABORAR UMA TABELA COM OS AUMENTOS, E, TODOS JUNTOS, IREM FALAR COM O PATRÃO, EXIGINDO 8 horas de trabalho e aumento de salários. TODOS, unidos e firmes, SERÃO ATENDIDOS.

na Fábrica dos Tabacos, nos tanquetos dos azeites de Vinta (em média 30 por semana), na construção civil e em muitas outras fábricas e empresas. Nas indústrias de conservas e cereais necessitam-se máquinas de grava a laser.

No comércio, agrava-se o retraimento, a estagnação e os negócios são pífios. Na lavoura, com os preços não compensadores para quem paga tão caro os elementos e adubos, com a manutenção dos subidos dos altos preços dos produtos industriais, com a concorrência de artigos estrangeiros, nota-se também um retraimento que levará inevitavelmente a uma menor produção agrícola, além da ruína do pequeno e médio lavrador. Os bancos, de mãos dadas com os monopólios, estão cortando créditos, criando dificuldades à pequena e média indústria, lavoura e comércio, cavando-lhes a ruína e abrindo caminho para uma onda de falências.

O abastecimento, o subordinando a interesses antinacionais, o que aparece claramente, por exemplo, na compra no Peru de açúcar mais caro que o colonial, ou na compra, na Argentina, de carne a 19/80, quando a Inglaterra a paga a 8/80. Há géneros que faltam e preços que sobem.

Com as grandes importações e falta de mercados para os produtos portugueses, estão-se delapidando os recursos nacionais, sem que se ponha um termo à inflação. Só com os Estados Unidos — novos patrões da camarilha salazarista — as importações em 1946 excederam as exportações em mais de 1 milhão de contos.

Toda esta política é favorável aos grandes monopólios corporativos (em que estão interessados os próprios reaccionários fascistas, os Caceres de Mata, os Ulrich, os Canecha de Arem, etc.) e ao imperialismo anglo-norte-americano que ao mesmo tempo nos prepara a economia em Portugal e nos colonias (através das empresas de exploração e de monopólios, Madueira, concessões de exploração do petróleo em Portugal e de borracha e açúcar em Angola e Cabo

BANCARROTA

de pag. 1

Verde, etc.). Esta política cria também condições para a locumação de novos potentados à custa do aniquilamento dos pequenos e dos médios produtores e comerciantes. Em vez do melhoramento das condições de vida das amplas camadas da população, a baixa feitura do estabelecimento de produção não compensadores, para o pequeno e médio lavrador, a manutenção de baixos salários, condenam as classes trabalhadoras a maior miséria. O desemprego, os despedimentos em massa, batem à porta de milhares de famílias operárias. A ofensiva contra os salários, através do prejuízo. A política dos baixos salários, reduzido a capacidade de compra das massas, não permite o consumo da produção nacional no mercado interno e conduz inevitavelmente a uma grave crise. O isolamento da URSS e da Europa oriental e a subserviência aos monopólios anglo-americanos, rodam à economia nacional à colação dos produtos no mercado externo.

Esta situação catastrófica foi precipitada pelo pífio e desordenado provocados pelas medidas demagógicas do incompetente Ministro da Economia, a mando do incompetente Salazar. Este que quem estoriar, prito o sr. Barbosa. Os factos mostram que é que o salazarismo faz estoriar.

A política do governo é um verdadeiro crime contra a nação. Reduz-se a veredação, condemnando milhares de trabalhadores ao desemprego, mantem-se terra inculta, quando o povo está faminto, quando o país não tem o que necessita, quando países estrangeiros necessitam dos produtos portugueses (vinhos, melão, cortiça, conservas, vidros, etc.). Os recursos nacionais são absorvidos por empréstimos (com vistas à paralização em aventuras militares dos fomentadores

de guerra), por forças repressivas, pela propaganda fascista, por banquetes ditários, por festas, por luxos, por roubos. Ao mesmo tempo que nas democracias do mundo vai uma febre de reconstrução e de progresso e os braços não chegam, a economia portuguesa, que, com uma política verdadeiramente nacional, teria agora ocasião de grande progresso, está caindo na completa ruína.

O QUE URGE FAZER

A continuar esta política, Portugal caminha direito à bancarrota, que significaria, além da mais negra miséria e ruína das amplas camadas da população, a transformação de Portugal numa colónia anglo-norte-americana. A independência de Portugal está a ser vendida pelo governo de Salazar.

Urge uma transformação radical da política portuguesa, com um verdadeiro estímulo à produção nacional; a entrega das terras incultas aos camponeses a protecção à pequena e média indústria, comércio e lavoura; facilidades de crédito; a utilização dos recursos em obras de fomento e aproveitamento técnico; o aumento dos salários reais dos trabalhadores que (aumentando a sua capacidade de compra permitem preços compensadores), revitalização da economia e o melhoramento das condições de vida das massas.

Urge que Portugal tenha uma política externa independente, de convívio e amizade com a URSS e todos os países democráticos, o que, além de outras coisas, garantirá úteis acordos comerciais.

Uma tal política, só poderá ser realizada com a dissolução da organização corporativa, com a terminação das concessões ruidosas ao estrangeiro, com a libertação da

economia nacional do domínio dos grandes monopólios fascistas. Uma tal política, só poderá ser realizada com a substituição do governo fascista de Salazar por um governo de portugueses honrados que represente os interesses nacionais e instaurar em Portugal uma ordem democrática. O Partido Comunista Português declara a sua disposição em apoiar no particular um tal governo com a tarefa de salvar Portugal e o Povo da bancarrota económica e da perda da independência e realizar objectivos vivos.

LUTEMOS UNIDOS!

Contra a política fascista e seus resultados há que dar combate imediato.

Há que organizar a luta, reforçando a acção das Comissões de Unidade e dos operários e outros trabalhadores e as Comissões de Unidade e de Progresso das camponeses, formando Comissões de camponeses, lavradores, industriais, de intelectuais, formando Comissões Estudantes, reforçando os organismos de Unidade antifascista, as Comissões de Unidade Nacional, as Comissões do HUP, e criando nas indústrias atalafas pela ordem, Comissões conjuntas de operários e patrões para estabelecer e aproveitar soluções para as dificuldades.

Há que reforçar e alargar a Unidade de todos os trabalhadores honestos, contra o encerramento de fábricas, a diminuição dos dias de laboração, a baixa de salários e por um subsídio imediato aos desempregados, aumento de salários, comércio livre. Contra os monopólios, contra o imperialismo estrangeiro! Defesa dos pequenos e médios produtores!

Portugueses honrados! Homens, mulheres e jovens de todas as tendências! Católicos progressistas! Militares patriotas! Todos unidos contra a camarilha fascista de Salazar, a camarilha dos monopólios, a camarilha dos agentes do imperialismo estrangeiro que, para salvar os seus interesses pessoais sacrificam o bem-estar, o progresso, a liberdade e a independência do seu próprio país.